

# DIVERSIDADE NA ESPANHA. IMAGEM E TRATAMENTO MEDIÁTICO DAS COMUNIDADES AUTÔNOMAS

Luis Alfonso Escudero Gómez<sup>1</sup>  
Rubén Camilo Lois Gonzáles<sup>2</sup>

**Resumo:** A Espanha se caracteriza pela diversidade e a diferenciação regional. Demográfica e economicamente os desequilíbrios se estabelecem entre o interior e o litoral, porém a singularidade se mostra também em outros aspectos qualitativos, menos estudados de um ponto de vista geográfico. A variedade idiomática e o comportamento eleitoral de tendências nacionalistas ou regionalistas de certas Comunidades Autônomas são dois destes fatores de diferenciação. A imagem mediática de cada uma dessas comunidades e o tratamento desigual que têm nos meios de comunicação são outros não menos relevantes. Esta representação determina uma diferença perceptível dos espaços dentro da Espanha que dá lugar a estereótipos muito marcantes quanto à imagem cidadã e públicas.

**Palavras-chave:** Espanha, diversidade, nacionalismo, imagem, meios de comunicação.

**Abstract:** Spain is characterized for the regional diversity and the regional differentiation. The demographic and economic imbalance is established between the interior and the littoral. Also there is singularity in others qualitative aspects, less studied from a point of view geographical. The variety in the language and the electoral behaviour of nationalist or regionalist tendencies of certain Autonomous Communities are two of these factors of differentiation. The media image of this communities and the treatment in the mass media are others not less important. This representation determines a perceptive difference of the spaces inside Spain.

**Keywords:** Spain, diversity, nationalism, image, the mass media.

## DIVERSITY IN SPAIN. IMAGE AND MASS MEDIA MENAGEMENT OF THE AUTONOMOUS COMMUNITIES

### 1. Espanha: um país de desequilíbrios

Hoje é quase impossível não encontrar referências ao feito global em qualquer leitura que realizemos. Ainda mais se o que aparece diante dos nossos olhos

---

<sup>1</sup> Depto. de Geografia e Ordenação do Território—Universidade de Castilla-La Mancha

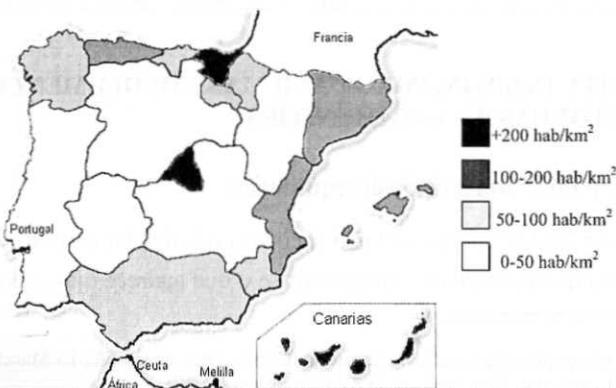
<sup>2</sup> Depto. de Geografia – Universidade de Santiago de Compostela

for um livro, um capítulo ou um artigo das denominadas ciências sociais ou humanas (como se talvez as outras ciências estivessem feitas fora da nossa sociedade ou por seres não humanos). Nesses textos as palavras *globalização*, *mundialização* ou termos similares, são utilizados num momento ou em outro, como eixo do discurso ou como uma referência secundária.

Termos globais, sem dúvida. Mas ainda assim, também hoje a diversidade, as diferenças, os desequilíbrios se expressam com grande magnitude e diferentes escalas. Não em termos mundiais, continentais ou dentro dos grandes conjuntos regionais do Mundo, senão dentro de cada Estado, a diversidade determina a norma. No presente artigo, seguindo uma linha de pesquisa iniciada em 2000 com a realização do XXIX Congresso da União Geográfica Internacional, na cidade de Seul, nos aproximamos do feito diferencial da Espanha. Um país imerso num processo global irrefreável, a União Européia, que mantém, sem dúvida, profundas diferenças dentro do seu território.

Quando se tem que fazer uma caracterização geográfica regional da Espanha sempre se evidenciam dois contrastes fundamentais dentro do país: a desigual distribuição da população e dos recursos econômicos (Higuera Arnal, 1980; Alonso Fernández, 1990; Córdoba Ordóñez e García Alvarado, 1991; Gamir de Orueta e Méndez Guitiérrez del Valle, 1993; Cano García, 2001).

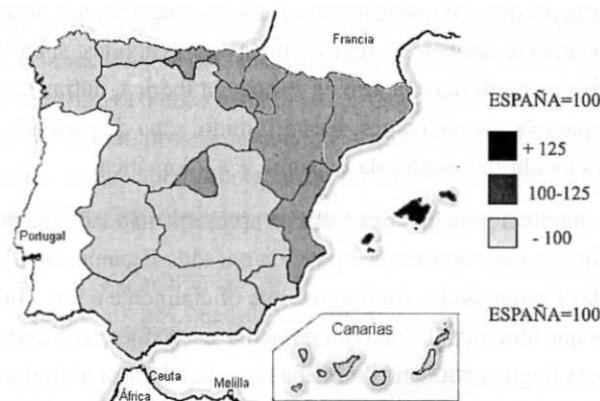
Efetivamente, a Espanha, um país relativamente pouco povoado em relação ao continente europeu, distribui seus habitantes de forma desigual entre as Comunidades Autônomas periféricas e as interiores. Com exceção da Comunidade Autônoma de Madrid, onde está a capital do país, são as comunidades periféricas as que reúnem a maior parte dos habitantes da Espanha e, dentro delas, as províncias litorâneas são as que têm uma densidade maior de população. (Mapa 1)



Mapa 1 – Densidade da população da Espanha por Comunidade Autónoma (1996)

Além da distribuição da população, as desigualdades aparecem no plano econômico na distribuição dos recursos, da indústria e dos serviços, do Produto Interno Bruto, da riqueza... De acordo, por exemplo, com a distribuição de renda per capita, as Comunidades Autônomas que, de novo com exceção de Madrid, têm uma maior renda são as periféricas e as mais atrasadas economicamente; com menos renda, estão as do interior da Espanha.

Do ponto de vista demográfico e econômico se estabelece então um claro desequilíbrio regional dentro do Estado espanhol, que tende a concentrar os recursos humanos e de bens e serviços nos espaços periféricos (Mapa 2). Enquanto, no interior, e insistindo na diversidade da cêntrica capital, se encontra comparativamente certo vazio.



Mapa 2 – Renda regional bruta per capita da Espanha por Comunidade Autónoma (1995)

Às diferenças demográficas e econômicas entre uma Espanha periférica densamente povoada e desenvolvida e uma Espanha interior menos habitada e rica, corresponde uma distribuição territorial estabelecida no Estado pela Constituição Espanhola de 1978. Carta Magna que estabelece o autogoverno através da criação das Comunidades Autônomas. Uma divisão territorial-administrativa que reflete as divisões administrativas anteriores da Espanha (questão amplamente analisada por Gómez Mendonza e García Álvarez, 2001), baseando-se na divisão provincial do século XIX (estabelecida em 1833 pelo então Ministro de Fomento Javier de Burgos), para dotar uma ou várias províncias de amplas competências mediante um governo autônomico de caráter regional.

As diversidades nesses três sentidos foram suficientemente abordadas pela Geografia espanhola. Não o foi tanto a análise qualitativa e perceptiva dessa diferenciação de um país imaginado homogêneo fora das nossas fronteiras (quando é mui-

tas vezes reduzida a sua representação externa às duas principais cidades espanholas, Madrid e Barcelona). O presente artigo centra-se num desses aspectos que formam a caracterização regional subjetiva da Espanha: a criação de uma imagem e de um tratamento diferencial das Comunidades Autônomas nos meios de comunicação de massas, em especial, como insistiremos, daquelas mais individualizadas. Mas antes de abordar tal questão lembraremos, a seguir, duas singularidades próprias da diversidade na Espanha (recorrendo para tal fim ao nosso estudo anterior do ano 2000 já citado).

## 2. Diferenças territoriais através da diversidade idiomática e eleitoral

Se for certo que a população espanhola se concentra nas áreas litorâneas e que economicamente também as regiões mais desenvolvidas, salvo Madrid, situam-se em espaços periféricos dentro da Península Ibérica, outras diversidades estabelecem separações semelhantes. Neste sentido, uma disparidade fundamental em termos socioculturais dentro da Espanha, é a idiomática.

Deste modo, a principal diferença se apresenta não tanto na população que possa ser bilíngüe, mais ou menos espalhada por toda Espanha em distintos graus, senão naquelas Comunidades Autônomas que oficialmente o são. Ou seja, aquelas comunidades que têm reconhecida oficialmente a sua sujeição a dois idiomas, que registram a sua língua endógena de forma "co-oficial" com a língua do Estado, o castelhano. Concretamente, e como se aponta no terceiro mapa, são os territórios da Galiza (a língua galega), País Basco e Navarra (o basco) e Catalunha, Comunidade Valenciana e Ilhas Baleares (o catalão) (Mapa 3).



Mapa 3 – Comunidades Autônomas Espanholas Oficialmente Bilíngües

São seis as Comunidades Autônomas que estabelecem, de forma oficial, uma diferença clara em relação ao resto do território pelo uso de uma língua própria na educação e outros serviços para a coletividade (sanidade), na administração, na justiça, na toponímia, nos meios de comunicação (rádio e televisão, mas também na imprensa), na publicidade, nos cartazes públicos...Definitivamente, um emprego cotidiano de uma língua que lhes outorga uma entidade própria, um símbolo evidente do seu autogoverno e da sua caracterização social e, portanto, uma diversidade com respeito às outras onze comunidades que carecem desta língua "co-oficial" (ainda que algumas delas, como Astúrias ou Aragão, possuam também uma língua endógena distinta do castelão com algum tipo de reconhecimento institucional).

Estabelece-se uma identidade no imaginário dos galegos, bascos, navarros, catalães, valencianos e habitantes das Ilhas Baleares, verificável no segundo aspecto em que se centrava o nosso estudo para o Congresso Internacional de Seul, o comportamento eleitoral. Pois, precisamente, serão principalmente essas Comunidades Autônomas as que apresentam uma diversidade maior no seu voto democrático, já que os partidos nacionalistas ou regionalistas marcam uma importante presença.



Mapa 4 – Comunidades Autônomas com uma percentagem superior a 20% de voto em forças nacionalistas e regionalistas nas eleições autonômicas (1996-99)

Não obstante, ao nível político se estabelece outra questão relevante em todo o Estado, pois não só o voto regionalista aparece nas Comunidades Autônomas bilíngües, senão que se estende pela periferia da Espanha. Sobretudo nas eleições mais diretamente vinculadas ao feito diferencial, as realizadas em função da renovação dos parlamentos autonômicos (é certo que nas eleições gerais só se

manifestam através de uma porcentagem regional significativa, superior aos 30%, os eleitores das comunidades do País Basco e Catalunha). Nas eleições autonômicas, por exemplo, um partido nacionalista de esquerda constitui a segunda força mais votada da Galiza, com aproximadamente 25% dos votos; uma coalizão nacionalista moderada de centro é a opção mais apoiada nas Ilhas Canárias; mesmo em territórios tão identificados com a idéia histórica da Espanha, como Andaluzia e Castilla-León, as formas nacionalistas (ou com um caráter autonômico) superam os 5% em todo o território no primeiro caso, e constituem uma opção-chave em províncias como Burgos no segundo. Ainda mais, neste caso, os próprios partidos políticos de caráter estatal, alheios às suas proposições doutrinárias e reclamações nacionalistas, adotam programas às vezes muito semelhantes aos dos partidos autonômicos.

Idioma e comportamento eleitoral são portanto, símbolos de uma identidade diferencial em determinadas Comunidades Autônomas espanholas. Feitos de uma representação própria desses territórios, mas à formação e difusão desta imagem correspondem os meios de comunicação de massas, um tributo à nossa *sociedade de informação*.

### 3. Tratamento mediático diferenciado e criação da imagem regional

Os meios de comunicação de massas determinam na nossa sociedade as nossas “pautas”, usos e costumes. Ademais, a percepção que do Mundo temos provém das informações que diariamente obtemos da televisão, do rádio e da imprensa. As imagens das nossas próprias cidades se formam com a conjunção da experiência e das comunicações indiretas que sobre o espaço recebemos, e delas a maior parte procede dos meios. Quando esta imagem é de um território que nos resulta desconhecido ou vagamente recordado pelo seu uso circunstancial, a representação mental que tenhamos dele ainda é mais determinada pela informação recebida desta *mídia*.

O pesquisador norte americano Robert E. Park estudou a “notícia” como uma forma de conhecimento, chegando à conclusão que a mesma (uma construção mediática, um produto apresentando uma imagem, através das palavras, determina grande parte da concepção que um indivíduo tem do seu meio e a sua posição com respeito a ele (Gomis, 1991). A ação constante das notícias produz tal efeito.

Construímos as nossas imagens mentais, em boa parte, através das informações dos meios de comunicação de massas, e tais representações são fundamentais

na percepção e comportamento cidadão. A cultura individual, somada ao que os indivíduos adquirem socialmente, faz com que as imagens da mente estabeleçam nossas “pautas” de pensamento e conduta (Costa, 1992). E quando chegam a se solidificar, ou a gerar rotinas, impõem-se como preconceitos e estereótipos que determinam as nossas opiniões, as nossas decisões e as nossas ações. Em termos geográficos, são estas representações espaciais as que empregamos na nossa conduta sobre o território e na percepção que tenhamos sobre um país, uma região ou uma cidade.

A importância das imagens, individual e pública, se mostra pois evidente, e também o é o papel que nelas jogam os meios de comunicação. Entre eles, a imprensa se destaca pelo seu papel insubstituível no campo da opinião (no caso da realidade espanhola). O rádio e a televisão podem difundir estados de opinião, mas não estão aptos pra criá-los, pois um artigo original exige um grau de concentração, reflexão e revisão que somente através da imprensa se pode alcançar (Aranguren, 1993).

A representação mental da Espanha e as suas Comunidades Autônomas projeta o feito diferencial que já ressaltamos na demografia, economia, idioma e no comportamento eleitoral. Causa e consequência, como ocorre num mundo que não se reduz às classificações didáticas (como se faria se escapa das científicas e das filosóficas?), se mesclam, mas sem dúvida a percepção e o comportamento demonstram uma diversidade territorial dentro do Estado espanhol. No primeiro campo, no da percepção, a imagem que nos chega elaborada, construída pelos meios de comunicação de cada uma das regiões espanholas é pois, a que repercute na sua representação pública e na dos indivíduos. E na criação destas imagens as informações e o tratamento das notícias regionais por parte da imprensa espanhola é fundamental.

Elaboração de uma imagem nacional, regional ou autonômica própria para cada uma das dezessete Comunidades Autônomas que nasce, em primeiro lugar, dos próprios meios locais. Ou seja, neste caso, e dentro da imprensa espanhola, dos jornais de caráter regional principalmente (aqueles que estão mais diretamente vinculados a uma região). Na Espanha, este tipo concreto de jornalismo constitui uma alternativa em voga na atualidade. Existe uma demanda pública que se satisfaz com essa modalidade comunicativa e que a apóia com sua preferência (González Reinoso, 1997). Analisando a difusão dos vinte principais jornais da Espanha no ano de 1996 (ver tabela abaixo), treze deles, (65%) têm um caráter regional (ainda

que um, “Egin”, de marcada tendência nacionalista, houvesse desaparecido por ordem judicial) (Tabela 1).

**Tabela 1** – Difusão média dos 20 jornais espanhóis de maior tiragem (1983 e 1996)

JORNAIS	Tipo de jornal	Comunidade Autônoma da publicação	Difusão		Crescimento %
			1983	1996	
1 Marca	Nacional (esportivo)	Madri	93.353	495.915	431,23
2 El País	Nacional	Madri	340.998	413.543	21,27
3 Abc	Nacional	Madri	145.597	303.019	108,12
4 El Mundo del Siglo XXI	Nacional	Madri	-----	260.616	-----
5 El Periódico de Catalunya	Regional	Catalunha	127.107	210.793	65,84
6 La Vanguardia	Regional	Catalunha	191.804	196.807	2,61
7 El Correo Español— El Pueblo Vasco	Regional	País Basco	94.243	135.811	44,11
8 La Voz de Galicia	Regional	Galiza	71.190	109.582	53,93
9 As	Nacional (esportivo)	Madri	137.003	107.169	-21,78
10 Sport	Nacional (esportivo)	Barcelona	45.962	105.537	129,62
11 El Diario Vasco	Regional	País Basco	67.559	94.102	39,29
12 El Mundo Deportivo	Nacional (esportivo)	Catalunha	40.076	90.974	127,00
13 Diario de Navarra	Regional	Navarra	37.340	63.541	70,17
14 Heraldo de Aragón	Regional	Aragão	49.798	62.671	25,85
15 Las Provincias	Regional	Valencia	48.276	59.945	24,17
16 Levante—Emv	Regional	Valencia	25.124	54.860	118,36
17 La Nueva España	Regional	Asturias	30.390	52.744	73,56
18 Egin	Regional	País Basco	42.814	52.653	22,98
19 La Verdad	Regional	Murcia	44.783	43.387	-3,12
20 Diario Sur	Regional	Andaluzia	24.505	40.769	66,37

Fonte: Oficina de Xustificación da Difusión (OJD)

E enquanto os quatro primeiros postos estão ocupados por jornais de tiragem nacional, a metade da imprensa nacional de maior propagação pertence a um segmento muito específico como é o esportivo. Pelo qual, tão só os “El País”, “ABC” e “El Mundo del Siglo XXI”, três dos vintes jornais de maior tiragem, entrariam dentro de uma imprensa geral claramente nacional. Mais ainda, se somamos a tiragem dos três jornais de notícias gerais nacionais e a dos regionais, estes segundos resultam ganhadores (1.117.665 exemplares por 977.178).

A evolução positiva da imprensa regional na Espanha verificamos mediante a comparação da difusão em 1983 e em 1996. De novo a excepcionalidade da imprensa espanhola se demonstra nos diários esportivos, com as percentagens de crescimento maiores, fenómeno que, em qualquer caso, escapa dos nossos fins

neste artigo. Na imprensa nacional um diário, “ABC”, apresenta um importante crescimento, e outro, “El Mundo”, foi criado com posterioridade à primeira data de referência. Os jornais regionais crescem, salvo no exemplo de “La Verdad” de Murcia, e não só aumentam a sua tiragem como o fazem com percentagens superiores a 50 % nos casos dos “El Periódico de Catalunya”, “El Diario de Navarra”, “Levante-EMV”, “La Nueva España” e “Diario Sur”.

Os jornais de caráter regional são os mais diretamente implicados na criação de uma imagem diferencial do território no qual atuam (a tese de doutoramento principal de um dos autores destas letras (Escudero, 2000), assim o demonstra para o caso da Galiza com o jornal “La Voz de Galicia”, que com mais de uma dúzia de edições, se situa, em termos de difusão, em oitavo na classificação nacional, apresentando um notável compromisso regional) e constituindo-se portanto, numa parte fundamental dos meios de comunicação escritos da Espanha. Em relação aos de maior tiragem e a sua distribuição espacial, se destacam as Comunidades Autônomas do País Basco, com três jornais, e da Catalunha e Valencia, com dois. Também aparecem com um jornal cada uma, Galiza, Navarra, Aragão, Astúrias, Murcia e Andaluzia. Com exceção do “Heraldo de Aragon” são todos eles jornais situados em regiões periféricas do Estado e, ademais, as comunidades que possuem um maior número, são todas elas bilíngües oficialmente. A diversidade se concreta!

Logicamente, como insistimos, os diários regionais são os que determinam uma imagem própria para cada um dos espaços por onde se distribuem; mas, o que acontece com os três jornais de notícias gerais de tiragem nacional, que também são os de maior difusão na Espanha? O tratamento diferencial e a construção das imagens regionais nesses jornais foi outra questão que nos preocupou na pesquisa anterior (através de uma análise centrada nos jornais “El País” e “ABC”), sendo que as conclusões publicadas nos aportam uma nova prova de diversidade.

Nenhum meio de comunicação de massas dispõe equilibradamente as notícias entre os espaços, as pessoas, ou as instituições. A maioria proclama a independência como princípio reitor da sua função, mas não nos recordamos de nenhum que acresça a igualdade a tais propósitos. A notícia está onde está ou, melhor expressado, onde os meios decidem que esteja; e esta máxima excede qualquer hipotética equidade entre os territórios. A imprensa estatal centra as suas notícias em determinadas Comunidades Autônomas, dando lugar a uma hierarquia informativa. Concretamente, as comunidades de Madrid e País Basco e, secundariamente,

as da Catalunha e Andaluzia abarcam a maior parte das notícias dos jornais nacionais (Tabela 2). E, de fato, alguma comunidade pode chegar quase a desaparecer da atenção jornalística nacional ao longo de períodos mais ou menos amplos (no nosso estudo verificamos que Murcia não dispunha de uma só notícia durante todo um mês).

As notícias dos jornais regionais difundem uma imagem concreta de cada uma das Comunidades Autônomas correspondentes, mas os jornais nacionais centram-se numa poucas regiões e somente delas obteremos uma representação suficientemente nítida para criar uma imagem pública. Além da comunidade onde se localiza a capital espanhola e os próprios jornais de tiragem nacional (portanto, a que se vincula mais diretamente com os mesmos), duas regiões, Catalunha e País Basco, reúnem 40% das notícias da Espanha. Precisamente, as duas comunidades que já se destacavam pelo feito de contar com os jornais regionais de maior tiragem. Assim, serão esses dois espaços os que contam com um estereótipo mais fortalecido pela imprensa, onde se marca mais a diversidade.

**Tabela 2** – Distribuição territorial das informações nos “El País” e “ABC”. Novembro de 1998 (Lois Escudero e Valcárcel, 2000)

Comunidade Autónoma	Nº notícias	%	Temática predominante
Andaluzia	48	5,17	Crimes e delinqüências
Aragão	2	0,22	-----
Astúrias	14	1,51	Política
Baleares	5	0,54	-----
Canárias	3	0,32	-----
Cantábria	1	0,11	-----
Castilla-La Mancha	5	0,54	-----
Castilla-León	15	1,61	Política
Catalunha	91	9,80	Judicial, Política
Extremadura	4	0,43	-----
Galiza	16	1,72	Política
Madri	418	44,99	Administração, Judicial, Política
Murcia	0	0,00	-----
Navarra	15	1,61	Violência
País Basco	284	30,57	Política, Violência
La Rioja	1	0,11	-----
Comunidade Valenciana	7	0,75	-----

A distribuição das notícias marca uma primeira medida quantitativa dentro do tratamento informativo das Comunidades Autônomas na Espanha. A temática destas, sem dúvida, é a que origina os traços da dita representação. Um estudo específico dos jornais regionais nos mostraria uma imagem claramente diferenciada de cada comunidade e, no caso dos jornais nacionais, na nossa análise também aparecem caracterizadas com atributos próprios definidos, as regiões que dispõem de um mínimo de notícias. Uma diferenciação que se demonstra através de dois exemplos. Andaluzia e País Basco, sem entrar num detalhe particularizado de cada uma das imagens. O primeiro é o da Andaluzia, onde uma maioria de notícias sobre crimes e delinquência (sem dúvida estas informações que tanto interessam aos meios, ocorrem em todos os espaços em maior ou menor medida, mas na Espanha é a comunidade andaluza a que adquire um papel destacado nos meios por ser o centro de determinados atos fúnebres e delituosos) oferece um estereótipo de atraso, superstição e subdesenvolvimento que define a imagem pública dessa região em muitos indivíduos.

O segundo exemplo é o que mais chama atenção na diversidade espanhola e no tratamento dispensado pelos meios de comunicação, pois a existência de uma organização terrorista e a frequência de atos violentos no País Basco eleva essa região à referência nevrálgica da imprensa espanhola. O estereótipo formado por essas notícias é também conhecido, e se traduz nas enquetes sociais pela indicação do País Basco, dentro da Espanha, como o território mais perigoso e violento (uma imagem muito negativa que não corresponde ao alto desenvolvimento econômico dessa região dentro do Estado espanhol). Esta imagem negativa constitui também um problema político, já que a opinião pública é consciente de que a maioria dos bascos deseja mais autogoverno. Neste sentido, os meios de comunicação, em especial no início de 2001, devido às eleições autonômicas bascas, foram os divulgadores das grandes opções políticas espanholas (populares e socialistas) com o objetivo de reduzir a representação do nacionalismo nas instituições bascas (os artigos ante o perigo que suporia uma possível maioria nacionalista como resultado das eleições para a Espanha e o próprio País Basco se repetiam constantemente durante a campanha eleitoral nos principais jornais de alcance nacional). Isto foi percebido (pela grande magnitude da campanha mediática desenvolvida) como uma ingerência por muitos bascos, que fizeram aumentar o número de cadeiras do nacionalismo moderado no seu parlamento autonômico. Estamos diante de um exemplo das conseqüências *não desejadas* da atuação parcial da imprensa.

Um terceiro e singular caso é o da Catalunha, que como o País Basco é uma região com um claro caráter autonomista. Também essa Comunidade Autônoma se destaca quantitativamente das outras pelo tratamento que recebe da imprensa e pelo espaço que ocupa em uma série de jornais regionais de grande tiragem. Nesses meios catalães, e nos de tiragem nacional, esse território se individualiza, se destaca, como observávamos na nossa análise prévia das características demográficas e socioeconômicas das regiões espanholas. Entretanto, talvez onde sobressaia mais essa comunidade dentro do tratamento mediático é no tom diferenciado com respeito ao seu similar, o País Basco. Assim, na imprensa, a Catalunha destaca-se como um espaço singular dentro da Espanha. A imagem que nos proporciona é altamente positiva, sobretudo nos próprios meios catalães, ou, pelo menos, muito mais imparcial que no caso basco. As notícias tratam temas semelhantes, de caráter político, judicial, econômico, etc... aos da Comunidade Autônoma de Madrid, onde se encontra a capital do Estado, já que, precisamente, uma representação de centro secundário, de espaço com uma forte personalidade e um nível de riqueza e atividade maior, é a que se apreende nos meios sobre a Catalunha. Uma imagem antítese da violência e conflito das notícias do País Basco.

Esse tratamento diferencial das regiões nos meios de comunicação, com as conseqüências na percepção e identidade social já apontadas, é reconhecido por esses próprios agentes de informação pública. Nos editoriais dos jornais regionais se defendem iradamente as questões referentes ao território de cada jornal, mas, não é tal coisa, uma das linhas reconhecidas por esses diários? Desta forma, resulta mais interessante ver esta diversidade reconhecida nos meios de tiragem nacional, aqueles que, por esse caráter espanhol, podiam distribuir equilibradamente as notícias entre as dezessete Comunidades Autônomas e estabelecer um estereótipo igualitário para cada uma delas (e não singularizadas, individualizadas ou torná-las óbvias, como de fato o fazem). Com tal objetivo, dispomos de uma fonte fundamental proporcionada por estes jornais nacionais que são os *livros de estilo*, ou manuais de redação e estilo.

O acadêmico Fernando Lázaro Carreter define um *livro de estilo* como “aquele que se refere ao estilo em diversas acepções. Regula o que um jornal de circulação diária considera distintivamente seu, de um ponto de vista ético (comportamento ante o mundo que testemunha), semiótico (orientações sobre o modo de apresentar os seus materiais) e lingüístico” (Livro de estilo de ABC, 1993). Nesses manuais se ditam portanto, as normas éticas, estilísticas e lingüísticas de um jornal

e, para o nosso estudo, acudimos a dois Diários de tiragem nacional com sede na capital espanhola: “El País” e “ABC”.

Curiosamente, o primeiro que fazem esses manuais é definir o caráter nacional dessas publicações. O presidente da empresa editorial do “El País”, PRISA, destaca esse fato em uma das declarações citadas pelo livro de estilo do mesmo jornal: “O El País deve ser um jornal nacional em três sentidos: em primeiro lugar, no sentido de que aspira a ser lido em toda a Espanha pela qualidade e atenção que preste aos temas que interessam a todos os espanhóis; em segundo lugar, no sentido de que é preciso que todos os povos da Espanha participem a partir da sua própria autonomia, no que fazer nacional, e por último, nacional no sentido de defender as virtudes do espanhol (sic)” (Livro de estilo El País, 1996). E não são menos claros os princípios que se estabelecem sobre o emprego da língua castelhana nos jornais ou sobre a definição do Estado Espanhol. No uso da língua no “El País” se sublinha que “o jornal se escreve em castelhano, e a regra geral é que não se devem usar palavras em outras línguas” (Livro de estilo El País, 1996), e na idéia da Espanha que sempre se empregará através do uso do termo *Espanha*, já que o Estado é a organização política de um país. Mais afirmativo com a idéia da Espanha se cala o ABC, reconhecido diário de linha editorial de direita, no seu livro de estilo assinala “O nome da Espanha (e seus derivados) gozará nas páginas do ABC da preeminência que lhe corresponde. Não se mascarará sem necessidade, com termos como Estado, nação ou país, parciais ou imprecisos nos seus respectivos significados”.

Sem dúvida, numa análise mais particularizada desses livros, inclusive numa superficial como a feita pelos autores no estudo prévio, encontra-se um resultado bastante contrário a essa idéia fortemente defendida de unidade e igualdade. A maior parte das indicações de estilo, lingüísticas e éticas referidas nos manuais gira ao redor do tratamento diferencial da realidade espanhola, e de como se fazer tal coisa. Ao longo das páginas desses textos se sucede uma enumeração dos termos derivados da utilização de outras línguas na Espanha e do desenvolvimento de uma identidade política, administrativa e cultural própria em determinadas autonomias com a correspondente riqueza terminológica. Deste modo, se recomendam quais são os termos e expressões que se podem usar na língua original e quais se devem traduzir e, inclusive, quais não se devem escrever nunca na sua forma não castelhana pelas conotações nacionalistas que possuem.

Ainda que, obviamente, nestas normas estilísticas se incide na idéia de uni-

dade da Espanha, como se recorda nos seus prólogos e apresentações, o reconhecimento da necessidade de não criar diferenças, supõe, por lógica, o reconhecimento implícito da existência real destas diferenças. Começando pelo temor que no ABC pode supor a utilização da expressão *Comunidade Autónoma*: “é um termo político, não geográfico. Não é apropriado escrever *a Volta* (prova esportista ciclística) *percorrerá a Comunidade Autónoma de Murcia*. Recordemos que ainda está vigente a palavra região” (Livro de estilo do ABC, 1993). E terminando pela descrição pormenorizada de cada um dos termos, um só exemplo sobre o topônimo de uma das principais cidades do País Basco: “*Donosti/Donostia*-. Escreva-se San Sebastián. Donostia é basco. Donosti é uma expressão vulgar” (Livro de estilo do ABC, 1993).

Se esses avisos sobre os termos próprios de cada região já demonstram a diversidade, a lista de termos e a análise qualitativa das indicações estilísticas nos fazem reafirmar a desigualdade que, como já vimos, depois se vai respeitar na informação desses jornais nacionais: determinadas Comunidades Autônomas se destacam entre as outras. Concretamente, e dada à insistência no uso correto dos termos não castelhanos, são as que dispõem de outra língua as que sobressaem nas normas mas, ainda assim, dentro delas a se singularizam majoritariamente o País Basco e, secundariamente, a Catalunha.

São majoritárias nos dois livros as referências no uso das palavras em euskera – idioma basco (começando pelo próprio termo *euskera*), tanto de caráter toponímico (Bilbo – Bilbao, Gazteiz – Vitoria, Hondarribia – Fuenterrabía); cultural (aizkolari – lenhador, bersolaris-improvisador de rimas, txacoli-vinho, txapela-boina); social (arrantzale-pescador, batzoki-lugar de reunião, zulo-esconderijo, ertanza-polícia autonômica) ou, especialmente, político (lendakari-presidente autonômico, Herri Batasuna-partido político nacionalista de esquerda, Eusko Alkartasuna-partido nacionalista, Ikurriña-bandeira do País Basco); preferindo-se a grafia em castelhano ou castelhanizada, ainda que reconhecendo o uso do termo em euskera em termos socialmente muito empregados (na realidade, pela própria insistência dos meios de comunicação no seu uso) como nas indicadas no campo político (precisamente aquelas em que o seu uso em euskera, língua não românica e portanto associada a uma idéia de primitivismo, pode ajudar a criar a imagem de violência e de perigo em que constitui o estereótipo do País Basco).

E no caso catalão também são múltiplos os exemplos (blaugrana-azulgrá, a cor do principal time de futebol da região, casteller-pessoas que constroem torres

humanas, Catalunya, Lleida, Girona, Convergència i Unió – partido político nacionalista, Generalitat – parlamento autonômico, Consell de Mallorca – administração insular, etc). Também aqui se indica o emprego da grafia em castelhano ainda que com mais exceções que no País Basco já que, não só se utilizam em catalão os principais termos políticos, senão também a maioria dos topônimos. Nos outros idiomas da Espanha, como o galego, são muito menos freqüentes as referências individualizadas sobre o uso de tal ou qual termo e, por suposto, desaparecem no caso das Comunidades Autônomas onde o castelhano é a única língua. Em resumo, uma nova prova de diversidade marcada nos propósitos estilísticos dos jornais que se traduz no tratamento mediático diferencial, centrado em determinadas regiões como o País Basco ou a Catalunha.

Exemplos que demonstram a relevância da imprensa na construção de uma imagem concreta das Comunidades Autônomas espanholas mediante o tratamento diferencial de algumas delas e a criação de estereótipos. Representação sustentada em primeiro lugar pelos próprios jornais regionais, mas fortalecida no nível da diversidade e na diferenciação pela imprensa nacional. Nos jornais estatais, as referências a umas comunidades se repetem constantemente nas notícias cuja visão concreta e outras desaparecem da nossa consciência.

#### 4. Conclusão

Territórios como o País Basco ou Catalunha consolidam-se como espaços com uma personalidade mediática própria, circunstância a que se deve suprimir o seu bilingüismo e o seu comportamento eleitoral de caráter nacionalista. Outras regiões do interior da Espanha, Castilla-La Mancha e Castilla-León, por exemplo, não possuem uma imagem definida, como tampouco apresentam uma diversidade específica desde o ponto de vista idiomático ou eleitoral.

A Espanha é um país diverso, com uma periferia mais povoada e desenvolvida economicamente que o interior. Mas estes feitos quantitativos alimentam-se de uma representação e de uma concepção regional própria. Os meios de comunicação de massas, a imprensa, são um dos fatores que constroem tal diversidade, que nutrem o regionalismo e o nacionalismo dentro do Estado mediante a importância crescente dos jornais autonômicos e a desigualdade no tratamento informativo dos de tiragem nacional. Num mundo global, a diversidade continua a ser a base da nossa percepção e do espaço.

## Bibliografía

- Alonso Fernández, J. (1990): *La nueva situación regional*, Síntesis, Madrid.
- Aranguren, J. L. (1993): "Prensa y opinión pública: la prensa como agente de cambio", *Revista Archipiélago*, nº 14, Madrid, p.p. 75-78.
- Borrat, Héctor (1989): *El periódico, actor político*, Gustavo Guili, Barcelona.
- Cano García, G. M. (2001): "Desequilibrios territoriales" en Gil Olcina, A. e Gómez Mendoza, J.: *Geografía de España*, Ariel, Barcelona, p.p. 619-637.
- Casasus, Josep María (1985): *Ideología y análisis de medios de comunicación*, Mítre, Barcelona.
- Córdoba Ordóñez, J. e García Alvarado, J. M. (1991): *Geografía de la pobreza y la desigualdad*, Síntesis, Madrid.
- Costa, J. (1992): *Imagen pública. Una ingeniería social*, Fundesco, Madrid.
- Fontcuberta, Mar (1993): *La noticia: pistas para percibir el mundo*, Paidós, Barcelona.
- Escudero Gómez, L. A. (2000): *La imagen de A Coruña, Santiago de Compostela y Ferrol a través de la prensa diaria: Estudio de Geografía de la Percepción*, Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago (Edición en cd-rom).
- Gamir de Orueta, A. e Méndez Gutiérrez del Valle, R. (1993): "Desequilibrio territorial y político regional" en Méndez, R. y Molinero, F. (Coords.): *Geografía de España*, Ariel, Barcelona, p.p. 639-667.
- Gómez Mendoza, J. e García Álvarez, J. (2001): "Organización política y administrativa" en Gil Olcina... op. cit., p.p. 575-593.
- Gomis, L. (1991): *Teoría del periodismo. Cómo se forma el presente*, Paidós, Barcelona.
- González Reinoso, C. (1997): *El periodista en su circunstancia*, Alianza, Madrid.
- Higueras Arnal, A. (1980): "Los desequilibrios regionales en España" en *La región y la Geografía española*, AGE, Valladolid, p.p. 227-242.
- Libro de estilo de ABC* (1993), Ariel, Barcelona.
- Libro de estilo El País* (1996), Ediciones El País, Madrid.

Lois González, R. C.; Escudero Gómez, L. A. e Varcárcel Riveiro, C. (2000): "El hecho diferencial en el Estado español: una lectura geográfica desde la periferia" en *Vivir la diversidad en España. Aportación Española al XXIX Congreso de la Unión Geográfica Internacional Seúl'2000*, A.G.E./Real Sociedad Geográfica, Madrid, p.p. 219-242.

Mattelart, Armand y Michele (1987): *Pensar sobre los medios*, FUNDESCO, Madrid.

Sinova, Justino (1995): *El Poder y la Prensa*, Ediciones Internacionales Universitarias, Barcelona.

Van Dijk, Teun A. (1990): *La noticia como discurso*, Paidós, Barcelona.